

PAISAGEM, IMAGINÁRIO

E ESPAÇO

CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny (Orgs.).
Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. 227p.

*Paloma Larrat de Azulay**

O CONCEITO DE PAISAGEM EM GEOGRAFIA É POTENCIAL. ASSUME UMA AMPLA GAMA DE CONCEPÇÕES, SOBRETUDO QUANDO PENSADO EM SUA RELAÇÃO COM O IMAGINÁRIO SOCIAL E AS MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS, FUNDADAS PELA EXPERIÊNCIA HUMANA NO ESPAÇO. COM O OBJETIVO DE AMPLIAR O DEBATE SOBRE ESTE TEMA, SOB A PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA CULTURAL, O LIVRO *PAISAGEM, IMAGINÁRIO E ESPAÇO* REÚNE ARTIGOS APRESENTADOS NO 2º SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE ESPAÇO E CULTURA, REALIZADO NA UERJ NO ANO 2000.

OS TRÊS PRIMEIROS ARTIGOS DESENVOLVEM A QUESTÃO DA PAISAGEM. MARIA TEREZA LUCHIARI ANALISA A (RE)SIGNIFICAÇÃO DA PAISAGEM NA ATUALIDADE, ASSUMINDO-A COMO MATERIALIDADE DAS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS. ALÉM DISSO, AFIRMA QUE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO AS PAISAGENS TÊM UM CARÁTER HÍBRIDO, CARACTERÍSTICO DE NOVAS TERRITORIALIDADES.

CONTEXTUALIZANDO O LEITOR ACERCA DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM PELO IMAGINÁRIO SOCIAL AO LONGO DA HISTÓRIA, VERA MAYRINK MELO AVALIA OS MÉTODOS DE INTERPRETAÇÃO PROPOSTOS PELAS CORRENTES DE GEOGRAFIA CULTURAL E HUMANISTA. A AUTORA FAZ UM RETROSPECTO DAS PROPOSTAS DE DENIS COSGROVE EM *PAISAGEM E SIMBOLISMO* E APONTA PARA A DIVERSIDADE DE ENFOQUES POSSÍVEIS SOBRE O TEMA.

NO TERCEIRO ARTIGO, EDVÂNIA TORRES AGUIAR GOMES TRAZ À LUZ UMA REFLEXÃO SOBRE NATUREZA E CULTURA PARA VERIFICAR A PAISAGEM COMO POSSIBILIDADE DE REPRESENTAÇÃO. ESTA, POR SUA VEZ, “TEM SUA EXISTÊNCIA CONDICIONADA PELA CAPACIDADE DO INDIVÍDUO DE RETER, REPRODUZIR E DISTINGUIR ELEMENTOS SIGNIFICATIVOS” (p.57). AVALIANDO AS CONTRIBUIÇÕES EPISTEMOLÓGICAS QUE A ANÁLISE DA PAISAGEM TRAZ À GEOGRAFIA, COMO CATEGORIA POLISSÊMICA, A AUTORA APONTA PARA SUA CAPACIDADE DE UNIR AS POSSÍVEIS LINGUAGENS DE REPRESENTAÇÃO DA NATUREZA.

NO ESTUDO DE CASO SOBRE A PAISAGEM E O TRÁGICO PRESENTES NO FILME *O AMULETO DE OGUM*, DE NELSON PEREIRA DOS SANTOS, JORGE LUIZ BARBOSA E AUREANICE CORRÊA BUSCAM RECONHECER AS MANIFESTAÇÕES DA CULTURA POPULAR AFRO-BRASILEIRA MATERIALIZADAS NO CENÁRIO FICTÍCIO DA OBRA.

JÁ INÁ ELIAS DE CASTRO ABORDA, EM SEU INTERESSANTE ARTIGO, A FORMA PELA QUAL O IMAGINÁRIO DO NORDESTE É CONSTRUÍDO PELO DISCURSO DA SECA, APRESENTANDO OS DESDOBRAMENTOS DESSA PRÁTICA SOBRE A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL. A PARTIR DO MOMEN-

* Estudante do curso de Geografia da UERJ e de Comunicação Social da UFRJ. Bolsista do Núcleo de Estudos de Geografia Fluminense (Negef). A autora agradece as sugestões de Pedro Paulo B. Castro Barbosa. *E-mail:* ppaalloommaa@bol.com.br

TO EM QUE OS DISCURSOS SOBRE A NATUREZA SEMI-ÁRIDA E A SECA NORDESTINA SE UNEM EM UMA RELAÇÃO DE CAUSA-EFEITO INTRANSPONÍVEL, AS PRÁTICAS POLÍTICAS NA REGIÃO ACABAM SENDO ORIENTADAS EM TORNO DA MANUTENÇÃO DESTE IMAGINÁRIO DE NATUREZA INGRATA *VERSUS* POVO SOFRIDO.

A SECA PROGRESSIVAMENTE DEIXAVA DE SER PERCEBIDA COMO O QUE REALMENTE É – UM FENÔMENO CLIMÁTICO –, PARA TORNAR-SE SUJEITO DAS MAZELAS SOCIAIS DO TERRITÓRIO NORDESTINO E PARÂMETRO PARA SUAS SOLUÇÕES. DE SIGNO DA NATUREZA, PASSOU A SER SÍMBOLO DO TERRITÓRIO REGIONAL E MEDIAÇÃO INESCAPÁVEL PARA APREENDÊ-LO. (p.129)

REINVENTAR O NORDESTE, PORTANTO, SERIA A SUPERAÇÃO DESTA PRÁTICA DISCURSIVA QUE PERSISTE ATÉ OS DIAS DE HOJE.

ANA MARIA DAOU, NO SEXTO ARTIGO DO LIVRO, ANALISA O MATERIAL ICONOGRÁFICO PRODUZIDO PELO ARTISTA PERCY LAU E PUBLICADO NA SÉRIE TIPOS E ASPECTOS DO BRASIL NA *REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA*, QUE PODE SER RECONHECIDO COMO UM ARTIFÍCIO UTILIZADO PELO ESTADO NOVO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E UM CERTO ENTENDIMENTO DE BRASIL.

CRITICANDO A PRÁTICA DE DIVIDIR O BRASIL EM LITORAL E INTERIOR, PEDRO PINCHAS GEIGER BUSCA COMPREENDER EM SEU ESTUDO EM QUE MEDIDA ESTAS CONTINGÊNCIAS ESPACIAIS PERTENCEM À FORMAÇÃO TERRITORIAL BRASILEIRA. PARA TANTO, O AUTOR FAZ UM RETROSPECTO HISTÓRICO DA COLONIZAÇÃO BRASILEIRA, QUESTIONANDO SE “FOI NO INTERIOR QUE SE DESENVOLVEU O SENTIDO DE UMA IDENTIDADE DE BRASILEIRIDADE QUE SUBSTITUÍ A IDENTIDADE PORTUGUESA” (p.168-169). ALÉM DISSO, GEIGER TECE ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE A GEOGRAFIA CULTURAL, APÓS UMA REFLEXÃO FILOSÓFICA ACERCA DE CÓPIAS E SIMULACROS PRESENTES NO MODELO LITORAL/INTERIOR.

A PRAIA E O IMAGINÁRIO SOCIAL: DISCURSO MÉDICO E MUDANÇA DE SIGNIFICADOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO É O TÍTULO APRESENTADO POR MAURO GIL FERREIRA E SILVA, QUE PROCURA INVESTIGAR O PROCESSO QUE LEVOU À CONSOLIDAÇÃO DA PRAIA COMO ÁREA DE AMENIDADES, DEPOIS QUE A MESMA FOI COMPREENDIDA NEGATIVAMENTE COMO FOCO DE DOENÇAS PELO DISCURSO MÉDICO NO FINAL DO SÉCULO XIX.

FINALMENTE, NO ÚLTIMO ARTIGO, LUZIA NEIDE CORIOLANO ABORDA O REAL E O IMAGINÁRIO NOS ESPAÇOS TURÍSTICOS. O CONSUMO DO ESPAÇO PELO TURISMO TORNA-SE VIÁVEL NA MEDIDA EM QUE HÁ A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO VIRTUAL – IMAGINÁRIO DECORRENTE DE SÍMBOLOS E MITOS DE UM POVO – E A CONSTRUÇÃO DO REAL, OU SEJA, A EXISTÊNCIA DE UMA OFERTA TURÍSTICA. A AUTORA ALERTA QUE, MUITAS VEZES, O TURISTA É ENGANADO, SUAS EXPECTATIVAS TRAÍDAS PELA CONFUSÃO ENTRE IMAGEM E REALIDADE.

COMO PÔDE SER VISTO, ESTE LIVRO PRIMA PELA RIQUEZA DE ANÁLISES, BEM COMO O POTENCIAL DAS MESMAS EM SUSCITAR NOVOS ESTUDOS. REFLEXÕES COMO ESTA MUITO TÊM A CONTRIBUIR PARA A TAREFA DE ADEQUAR O CONCEITO DE PAISAGEM E AS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS À PRÁTICA DISCURSIVA DO MUNDO CONTEMPORÂNEO. NESTE SENTIDO, A OBRA SERVIRÁ PARA TODOS QUE, DE ALGUM MODO, SE INTERESSAM POR ESTE CATIVANTE CAMPO DA GEOGRAFIA, QUE TEM COMO PRINCIPAL ALIADO A INTERDISCIPLINARIDADE.